

## **AÇÃO EMPREENDEDORA:** um novo olhar sobre o empreendedorismo

Priscilla Oliveira Nascimento

Daniela Meirelles Andrade

### **Resumo**

Este ensaio teórico apresenta uma possibilidade de análise do empreendedorismo para além do foco no indivíduo/contexto, ou seja busca ampliar o campo de visão do empreendedorismo para simplificar a compreensão do fenômeno. A partir da seguinte questão: como entender o empreendedorismo a partir da ação empreendedora? Assim, este trabalho tem como objetivo propor um esquema teórico para entender o empreendedorismo a partir da ação empreendedora. Apesar da diversidade de estudos e abordagens sobre o empreendedorismo, o campo carece de estudos que busquem compreender o empreendedorismo num contexto amplo, que investigue a interação de diversas variáveis. Nesse sentido, a contribuição deste estudo foi compreender o empreendedorismo a partir da ação empreendedora, a qual resulta da modificação da estrutura vigente, por meio da interação de indivíduos, organização e sociedade. Como resultado é apresentado o ciclo da ação empreendedora, a partir do qual é possível compreender empiricamente este fenômeno, desde sua emergência até a institucionalização. Assim, acredita-se que este ensaio contribuirá para a expansão de pesquisas sobre ação empreendedora no Brasil.

**Palavras-chave:** Ação empreendedora. Empreendedorismo. Criatividade situada.

### **ENTREPRENEURIAL ACTION:** a new look at entrepreneurship

#### **Abstract**

This theoretical essay presents a possibility of analyzing entrepreneurship beyond the focus on the individual / context, ie seeks to broaden the field of vision of entrepreneurship to simplify the understanding of the phenomenon. From the following question: how to understand entrepreneurship from entrepreneurial action? Thus, this paper aims to propose a theoretical framework to understand entrepreneurship from the entrepreneurial action. Despite the diversity of studies and approaches on entrepreneurship, the field lacks studies that seek to understand entrepreneurship in a broad context that investigates the interaction of several variables. In this sense, the contribution of this study was to understand entrepreneurship from

the entrepreneurial action, which results from the modification of the current structure, through the interaction of individuals, organization and society. As a result, the cycle of entrepreneurial action is presented, from which it is possible to empirically understand this phenomenon, from its emergence to institutionalization. Thus, it is believed that this essay will contribute to the expansion of research on entrepreneurial action in Brazil.

**Keywords:** entrepreneurial action. Entrepreneurship. Situate creativity.

## 1 INTRODUÇÃO

O campo dos estudos do empreendedorismo é bastante heterogêneo e transcende muitas disciplinas e níveis de análise (Berglund, 2005), sendo um processo dinâmico que pode se apresentar de variadas formas: privado, público, corporativo, social, colaborativo. Nesse sentido, diversas abordagens foram desenvolvidas para analisá-lo a partir de perspectivas distintas, Vale (2014b) classifica essas abordagens em três níveis, micro, meso e macro, dependendo do foco de análise do estudo: indivíduo ou ambiente.

Tonelli, Brito e Zambalde (2011) as agrupam em perspectivas subjetiva e objetiva, sendo que a primeira, abarca as abordagens comportamental e econômica, as quais enfatizam o indivíduo e destacam que o comportamento empreendedor é inerente ao sujeito, que suas crenças, habilidades, experiências acumuladas são determinantes para a identificar oportunidades e transformá-las em algo empreendedor. Já a perspectiva denominada pelos autores como objetiva, trata da abordagem organizacional, que ressalta o contexto como o impulsionador de oportunidades para emergência de atos empreendedores, tanto por causas acidentais, como também pela criação de ações propositais (Tonelli *et al.*, 2011).

Os autores destacam que as diversas abordagens desenvolvidas para estudar o empreendedorismo, não buscaram compreendê-lo como um todo, ora atribuem o mérito ao indivíduo, ora ao ambiente, porém, que o ato empreendedor ocorrerá por meio do entrelaçamento entre indivíduos e ambiente (Berglund, 2005; Tonelli *et al.*, 2011).

Por serem utilizadas como tipo ideal, as perspectivas econômica, comportamental e organizacional acabam por deixar lacunas em suas explicações e em certos casos apresentam argumentos desarmônicos (Tonelli *et al.*, 2011). Muitos pesquisadores realizam transposições anistóricas e descontextualizadas de conceitos e teorias de épocas distintas aos dias atuais que culminam em discursos irrealis e incoerentes (Costa, Barros & Carvalho, 2011). Historicamente,

pesquisadores do empreendedorismo têm uma visão um tanto quanto mecânica do empreendedor, com foco em características específicas de personalidade e sua adaptação à pressões estruturais (Van de Ven, 1993; Berglund, 2005).

Assim sendo, apesar da diversidade de estudos e abordagens sobre o empreendedorismo, ainda há uma cortina enigmática que se forma acerca do fenômeno e que o atrela a um grupo seleto de pessoas ou organizações, que por vezes se mostra como um feito heroico ou uma característica comportamental única, que não proporcionam explicações efetivas. A partir disso, diversas inquietações surgem quanto a verdadeira face do empreendedorismo e suas implicações, tais como: - Como ocorre o processo empreendedor? – Ele teria um fim? – Como algo novo deixa de ser inovador? - Como é possível dizer se algo é empreendedor ou não?

Desse modo é preciso trabalhar o empreendedorismo a partir de uma compreensão ampla da realidade, a fim de proporcionar explicações efetivas sobre o fenômeno. Há um reconhecimento cada vez maior de que a pesquisa sobre empreendedorismo precisa expandir seu campo para compreendê-lo em um contexto maior (Berglund, 2005; Mello & Cordeiro, 2010; Mocelin & Azambuja, 2017). Assim, é necessário que seja realizado um esforço para considerar a heterogeneidade em termos de conhecimento, preferências, habilidades e comportamentos inerentes ao processo empreendedor, no sentido de investigar a participação de variados atores e interpretar como eles proporcionaram a emergência do fenômeno e ao mesmo tempo são modificados por ele, tendo essa compreensão como premissa básica para a construção da teoria (Berglund, 2005; Gomes, Lima & Capelle, 2013; Watson, 2013).

Uma das formas encontradas para proporcionar estas explicações pode ser por meio da compreensão da ação empreendedora. A ação empreendedora é uma ação reflexiva que ocorre em relação a situações específicas em um contexto social e histórico amplo. Sua compreensão requer um aprofundamento do mundo da vida empreendedora, que vai além do simples debate subjetivo/objetivo (Berglund, 2005), ou seja, requer explorar vastamente uma conjuntura, investigando o entrelaçamento de diversas variáveis, de modo a descrever como atores empreendedores experimentam e conceituam suas ações, na medida em que criam e desenvolvem seus empreendimentos.

Essa forma de compreender a realidade aponta para a inexistência de um sujeito especial, com características únicas, em detrimento dos demais envolvidos. Ela aponta para a importância do diálogo entre atores, pois é por meio dele que os atores se articulam para processar trocas criativas, inovadoras e aventureiras, as quais são consideradas como

verdadeiras ações empreendedoras. Nesse sentido, este estudo busca responder a seguinte questão: Como entender o empreendedorismo a partir da ação empreendedora?

Deste modo, este trabalho tem como objetivo propor um esquema teórico para compreender o empreendedorismo a partir da ação empreendedora, a qual investiga o processo cognitivo que resulta em um empreendimento, porém avança sobre a temática ao apresentar o ciclo da ação empreendedora, que a compreende desde sua emergência até sua institucionalização, o qual levanta possíveis respostas as inquietações anteriormente levantadas.

Este estudo não esgota todas as possibilidades de análise da ação empreendedora, porém tenta demonstrar a ocorrência do empreendedorismo a partir da investigação de um contexto amplo, incluindo as etapas vinculadas com esse processo. Este estudo se justifica, pois existem poucos estudos nacionais que buscaram compreender o empreendedorismo a partir da ação empreendedora, além do mais desvincular o conceito de empreendedorismo de algo extraordinário e heroico é algo que permite contribuir para o avanço da pesquisa sobre esta temática.

Para elaboração do presente ensaio teórico foi realizada uma revisão bibliográfica em estudos que buscavam compreender a ação empreendedora e o empreendedorismo a partir de uma nova perspectiva. Este trabalho apresenta na sequência uma contextualização da emergência do campo do empreendedorismo e as principais abordagens, em seguida a discussão que envolve ação empreendedora como alternativa para entender o fenômeno do empreendedorismo e, por fim, a conclusão, que aponta a ação empreendedora como um tipo particular de atividade humana que resulta da interação de indivíduos, organização e sociedade (Watson, 2013).

## **2 FORMAÇÃO DO CAMPO DO EMPREENDEDORISMO**

O capitalismo desponta na segunda metade do século XVIII em meio a Revolução Industrial, com a expansão das atividades comerciais, reconhecimento da propriedade privada e valorização do capital (Costa *et al.*, 2011). Nesse contexto, segundo Costa, Barros e Martins (2008) os primeiros sinais sobre o empreendedorismo surgem com os estudos de Cantillon que procurou definir quem seria o sujeito empreendedor, reconhecendo-o como aquele que se arrisca calculadamente diante das oscilações entre oferta e demanda.

No alvorecer do capitalismo o empreendedor era tido como o empresário, aquele indivíduo que desempenhava funções empresariais criando novos arranjos, produtos e com isso

modificava os padrões de produção existentes e garantia o lucro de sua empresa (Costa *et al.*, 2011). Com a expansão das empresas e início das grandes sociedades anônimas, já no período monopolista do capitalismo, as funções do empreendedor se modificaram. Ele passou a se articular de modo a manter vantagem econômica ante o aumento do mercado e não apenas de produzir novos bens e serviços, sua capacidade de persuasão, formação de alianças e desenvoltura ganharam destaque (Costa *et al.*, 2011). Nos dias atuais, segundo Costa *et al.*, (2011), o empreendedorismo é concebido pela sociedade contemporânea como a superação de obstáculos, por meio da percepção de oportunidades e desenvolvimento de ideias inovadoras que levam ao sucesso financeiro.

Contudo, não há consenso sobre as conceituações e perspectivas sobre o empreendedorismo, porém reconhece-se que se trata de um fenômeno amplo que pode ser compreendido a partir de diversas abordagens, sendo que cada uma delas reflete o conhecimento de sua época (Machado & Nassif, 2014; Vale, 2014b). Segundo Vale (2014b) as abordagens existentes poderiam ser selecionadas em três níveis: micro, meso e macro, as quais abarcam campos do conhecimento como ciências sociais, ciência do comportamento, sociologia, sociologia econômica, economia neoclássica e economia/inação.

No nível micro estão relacionadas as abordagens ligadas ao início dos estudos a respeito do empreendedorismo, as quais tentaram compreender e explicar o empreendedor ou seu empreendimento sem porém se atentarem com o contexto no qual estes estavam inseridos (Vale, 2014b). Podem ser consideradas representantes desse nível as abordagens econômica e comportamental.

A abordagem econômica tem como foco a análise do resultado da ação do empreendedor sobre a ordem econômica e seu papel no desenvolvimento do mercado (Nakashima, 2002). Para os economistas, os empreendedores são caracterizados como extraordinariamente capazes ou rápidos em otimizar situações de problema posto sua capacidade de perceber oportunidades (Berglund, 2005). Já a abordagem comportamental, também conhecida como psicológica ou behaviorista, busca compreender o motivo impulsionador das atitudes dos empreendedores, identificando características da personalidade, experiências e competências expressivas do indivíduo, pois acreditam que existem traços de personalidade exclusivos dos empreendedores e que essas são determinantes para a ocorrência do empreendedorismo (Nakashima, 2002; Vale, 2014a; Borges, Lima & Brito, 2017).

Porém, com a evolução dos estudos sobre o empreendedorismo notou-se que o sujeito empreendedor fazia parte de um contexto e que sua análise seria importante para melhor

explicar o fenômeno, a partir de então surgiram as abordagens no nível meso (Vale, 2014b). As abordagens do nível meso buscam investigar a interação do indivíduo com o seu contexto social mais próximo, bem como a formação de redes com atores de diferentes contextos, pois as reconhecem essenciais para a emergência de um empreendimento (Vale, 2014b). Representam o nível meso as abordagens da sociologia e da sociologia econômica.

A abordagem da sociologia busca compreender a ligação entre a evolução do processo de crescimento e desenvolvimento econômico, com a figura do empreendedor, para esta vertente, para que o progresso econômico ocorra é preciso que o contexto social permita e estimule o empreendedorismo (Vale, 2014a). Já para a abordagem da sociologia econômica para proporcionar explicações mais efetivas sobre o empreendedor é preciso conhecer por completo a conjuntura na qual ele está inserido, seus relacionamentos, suas redes (Vale, 2014a). Para os adeptos dessa abordagem é por meio do entrelaçamento de indivíduos com realidades distintas que são identificadas oportunidades, formadas alianças, que garantem o acesso a novos recursos e a ocorrência do empreendedorismo (Vale, 2014a).

Já as abordagens do nível macro buscam compreender o empreendedor e seu empreendimento num contexto socioeconômico amplo, que pode ser analisado tanto pela ótica da instituição quanto pela inovação (Vale, 2014b). Para o viés institucional, as regras formais (leis, direitos) e as informais (crenças, tradições), que são responsáveis por impulsionar ou limitar a ocorrência do empreendedorismo; já para viés da inovação, esta seria a propulsora de crescimento e desenvolvimento (Vale, 2014b).

Berglund (2005) apresenta ainda a possibilidade de analisar o empreendedorismo a partir de outras duas perspectivas: a cognitiva e a discursiva. A abordagem cognitiva, busca descobrir as causas de uma ação, o modo pelo qual os empreendedores processaram informações e armazenam conhecimento como meio para enfrentar a racionalidade limitada e promover a ação empreendedora. Ela não busca selecionar traços da personalidade empreendedora, mas comparar empreendedores entre si, para identificar fatores cognitivos ao longo de dimensões cognitivas específicas em relação à certas situações, para tentar compreender como a ação empreendedora ocorre (Berglund, 2005).

Já na perspectiva discursiva os indivíduos, eventos e ações não são tratados isoladamente, o que permite a compreensão de fenômenos, eventos e ações específicas, bem como, possibilita visualizar ações como parte de um enredo maior (Berglund, 2005; Machado, 2016). As investigações, nessa abordagem concentram-se nas histórias individuais e

socialmente compartilhadas além de discursos que unem eventos, ações e fenômenos (Berglund, 2005; Machado, 2016).

Há ainda, a abordagem processual do empreendedorismo que busca compreendê-lo a partir da junção de diversas perspectivas, essa abordagem investiga as etapas que levaram a ocorrência de um empreendimento, desde a compreensão do indivíduo e seus motivos impulsionadores, a influência do ambiente micro e macro, a criação e exploração das oportunidades, percorrendo todo o processo empreendedor (Borges *et al.*, 2017). Essa vertente busca analisar as ações dos empreendedores e seu processo de criação (Borges *et al.*, 2017).

Assim sendo, ainda que não haja consenso sobre as abordagens do empreendedorismo, nota-se que para empreender é preciso sair do comum e uma série de fatores influenciam esse processo: o comportamento dos indivíduos, a sociedade, as condições de mercado, as regras formais e informais, o que faz com que o fenômeno possa ser analisado a partir de diferentes perspectivas. A ação empreendedora é também, um caminho para entender tal fenômeno e a abordagem processual é pertinente para descrever a ação, a partir da compreensão da interação de indivíduos, organização e sociedade, que culmina num empreendimento.

## **PARA ALÉM DO EMPREENDEDORISMO: A AÇÃO EMPREENDEDORA**

Estudar a ação empreendedora trata-se de compreender o empreendedorismo a partir de um novo olhar, no intuito entender o entrelaçamento entre indivíduos, organização e sociedade, que possibilita a ocorrência de um ato empreendedor. Realizar um estudo mais amplo sobre o empreendedorismo possibilita a análise do contexto como um todo e expor de forma ampla como intercâmbios são formados no mundo social (Van de Ven, 1993; Watson, 2013). Para compreender a ação empreendedora é preciso reconhecer que ela ocorre em diversos contextos temporais e ou/relacionais, além de buscar entender e reconstruir o passado, para possibilitar seu entendimento no presente e o modo como ela afetará o futuro (Berglund, 2005).

Atores empreendedores baseiam-se em suas experiências pessoais, bem como em sua interação com o contexto interno e externo para promover feitos empreendedores (Cramer, 2002; Mocelin & Azambuja, 2017). Tal fato permite que eles elaborarem e reinterpretem os riscos e oportunidades desse processo, bem como, elaborar e testar ideias, explorar incertezas e desenvolver insights que culminarão numa ação empreendedora (Cramer, 2002; Berglund, 2005; Mocelin & Azambuja, 2017).

Assim sendo, a ação empreendedora é o resultado da interação de diversas intenções cognitivas, que sugere que estas intenções podem ser analisadas separadamente posto a

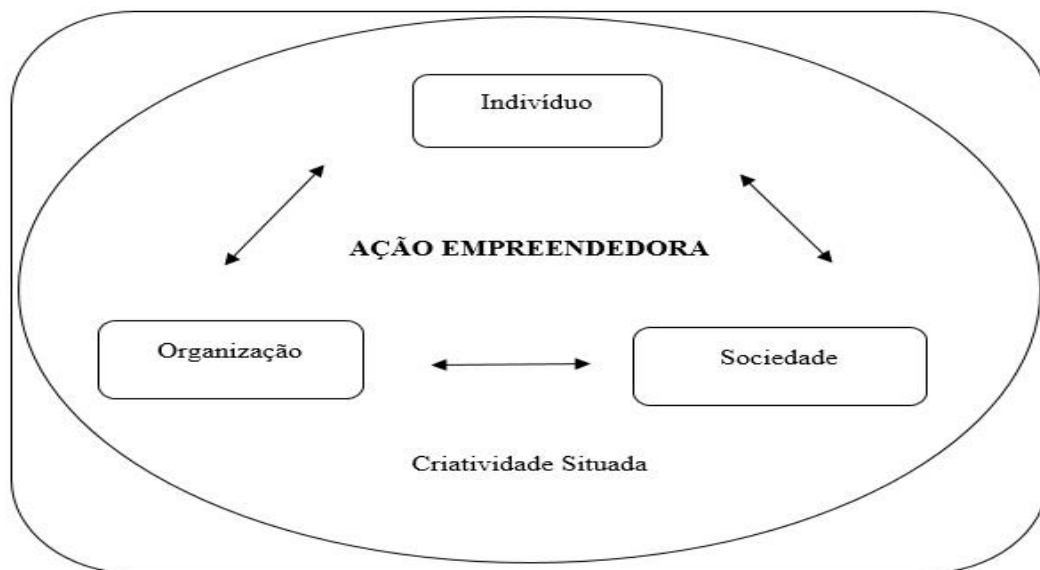
heterogeneidade de informações (Berglund, 2005; Mocelin & Azambuja, 2017). Quando o empreendedorismo é analisado para além de apenas um indivíduo é possível identificar novos atores, bem como perceber como eles se articulam, por meio do uso da criatividade (Mello & Cordeiro, 2010; Watson, 2013). A compreensão do empreendedorismo, a partir dessa ótica explora elementos cognitivos, conseqüentemente, analisa não só o sujeito empreendedor mas a interação do indivíduo com o seu contexto (Spedale & Watson, 2014; Mocelin & Azambuja).

A ação empreendedora trata-se de um processo de criatividade situada (Watson, 2013; Spedale & Watson, 2014). Os indivíduos durante suas vidas passam por diversas situações de tensão e nesses casos eles se articulam da melhor forma possível para resolvê-las utilizando seus hábitos e costumes, porém chega um momento em que esses hábitos não são mais suficientes sendo necessário direcionar a criatividade para a solução de uma situação específica (Berglund, 2005; Watson, 2013; Bortoluci, 2014). A criatividade situada emerge da tentativa de resolução de situações em que os padrões existentes não são mais adequados ou eficientes, fazendo com que novas possibilidades sejam testadas (Bortoluci, 2014).

A criatividade situada ocorre em contextos de desequilíbrio constantes, em que a situação vigente deva ser modificada a partir da experimentação de novas práticas, para proporcionar novos arranjos institucionais (Potts *et al.*, 2008). Dessa forma, quando um problema não é resolvido por um hábito e mas sim por intercâmbios aventureiros, inovadores e criativos têm-se uma situação de criatividade situada e ao mesmo tempo uma possibilidade de ocorrência da ação empreendedora (Watson, 2013; Bortoluci, 2014).

Nesse sentido, o entrelaçamento de indivíduos e organização, influenciados pela sociedade, num processo de criatividade situada, que culmina no desenvolvimento de novos bens e serviços ou na reestruturação de processos, proporciona a ocorrência de uma ação empreendedora conforme se vê na Figura 1:





**Figura 1: A emergência da ação empreendedora**

Fonte: Elaborado pelas autoras

Ao estudar a ação empreendedora o foco de análise não fica apenas no indivíduo, revelando um caráter inclusivo ao reconhecer o entrelaçamento dos indivíduos e do contexto em que estão inseridos (Cramer, 2002.; Gomes *et al.*, 2013.; Rodrigues, 2017). Mas como se dá este processo?

Para Gartner (1985) o processo empreendedor decorre da interação das características comportamentais dos empreendedores, das organizações por eles criadas, do ambiente em que está inserido o empreendimento e do processo que culmina na realização do mesmo. Gartner (1985) buscou demonstrar em sua pesquisa que a interação dos indivíduos com seu contexto é o que propicia a criação de novos empreendimentos, que o empreendedorismo é um fenômeno multifacetado onde cada variável descreve apenas uma única dimensão do fenômeno e não pode ser considerada sozinha (Gartner, 1985).

Nesse sentido, segundo ele, nenhum ato empreendedor pode ser descrito de forma abrangente e sua complexidade pode ser adequadamente comprovada, a menos que todas as suas dimensões sejam investigadas (Gartner, 1985). Uma tentativa possível para descobrir como as variáveis de cada dimensão interagem com as demais é por meio da utilização da visão de um caleidoscópio, em que se enxerga o todo a partir da união de elementos variados (Gartner, 1985).

De modo mais tangível, Spedale e Watson (2014) após a realização de uma pesquisa empírica-teórica, concluíram que a ação empreendedora emerge a partir do cruzamento entre

tensões na lógica institucional e as orientações de vida do indivíduo e que este fenômeno pode ocorrer em diversos ambientes e empreendimentos, pois ela pode ser encontrada em qualquer processo que foi modificado pela criatividade.

Desse modo, o processo empreendedor iniciaria com o surgimento de tensões na lógica institucional, que são situações que interrompem os padrões, regras, crenças e valores construídos socialmente nas instituições que podem ser exemplificadas por situações de tensão dentro de uma organização, tais como: o alcance de uma meta que vale o sucesso da equipe, a baixa eficácia em determinados projetos, ou seja, situações que interrompem o fluxo de desempenho organizacional (Spedale & Watson, 2014).

Na tentativa de resolução dessas tensões, os indivíduos utilizam sua orientação de vida, que é definida pela história pessoal, vivências, fatores culturais e discursivos dos indivíduos que ali se encontram e influenciam as ações cotidianas. Por meio da compreensão da orientação de vida é possível analisar as vidas e as atividades dos indivíduos e identificar situações de vida de atores empreendedores ou potenciais atores empreendedores que foram empregadas nas ações em que eles se envolveram (Mello; Leão & Cordeiro, 2007; Watson, 2013). Ou seja, identificando quem são os indivíduos envolvidos numa ação empreendedora, sua identidade, sua cultura, suas circunstâncias sociais e pessoais é possível identificar o que os levaram a agir de determinado modo.

Desse modo, ao tentar resolver tensões na lógica institucional os atores empreendedores passarão por um processo de intensa reflexão no intuito de identificar “meios disponíveis” para enfrentá-las (Sarasvathy, 2001; Cramer, 2002; Mocelin & Azambuja, 2017). Os "meios" podem ser enquadrados em três categorias: quem é o indivíduo (autoconceito reflexivo do autor: características, habilidades, etc.), o que eles conhecem (educação, experiências, etc.) e quem eles conhecem (redes sociais e profissionais) (Sarasvathy, 2001; Berglund, 2005; Watson, 2013).

Desse modo, quando surge uma tensão, causada pelo atrito entre diferentes lógicas institucionais, os indivíduos compreenderão a situação existente, de modo que saibam quem eles são; o que eles sabem a respeito daquela situação; quem eles conhecem que poderão ajudá-los e como deverão agir. A articulação criativa entre indivíduos de dentro e/ou de fora da organização, no intuito de resolver tensões na lógica institucional poderão modificar a situação, da qual também poderá emergir uma ação empreendedora.

Assim sendo, por meio dos estudos acima citados, pode-se compreender que o processo empreendedor emerge a partir do cruzamento entre tensões na lógica institucional e as

orientações de vida dos indivíduos, que por meio de um intercâmbio criativo, inovador e aventureiro, culmina numa ação empreendedora. Contudo, esse processo teria um fim?

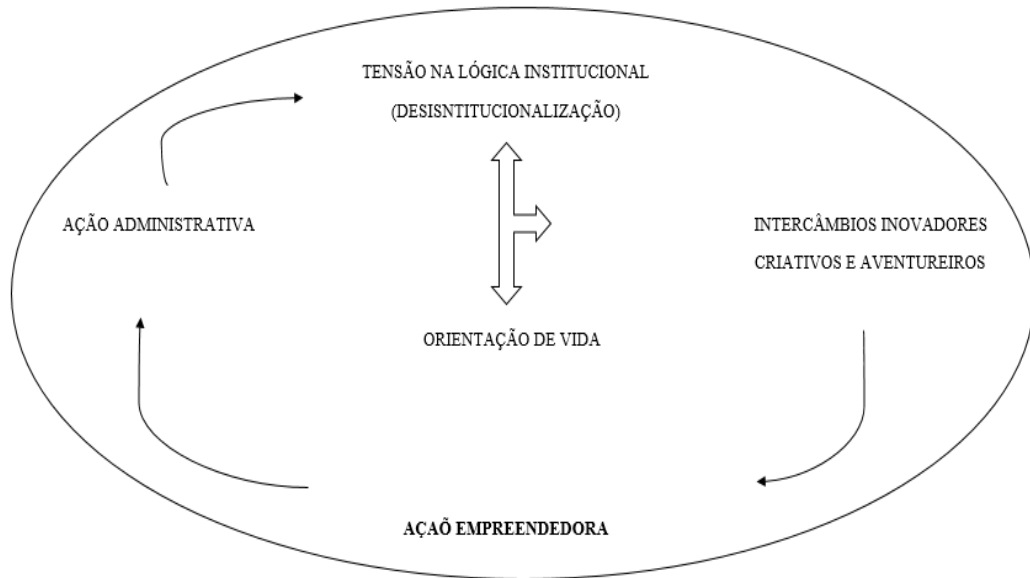
Arriscamos dizer que sim, no momento em que a ação inovadora se institucionaliza e torna uma ação administrativa. A institucionalização é o processo pelo qual ações se tornam hábitos, os quais são utilizados na resolução de problemas recorrentes (Tolbert & Zucker, 2007). A institucionalização é considerada por Machado-da-Silva, Fonseca e Crubellate (2005) como características culturais que atendem as necessidades funcionais das organizações, elas se mantêm pois são uma opção desejada e possível para os agentes. Quanto maior for o tempo de permanência de uma ação institucionalizada maior será a resistência à sua modificação, quando uma ação é objetificada, ou seja, quando há o consenso quanto a sua utilização, ela poderá sedimentar-se, propagar-se, perpetuar-se, dentro de uma organização tornando mais difícil sua modificação (Tolbert & Zucker, 2007).

A partir desse entendimento é possível compreender como algo novo deixa de ser empreendedor, ou seja, quando se conhece o caminho que deve ser percorrido para que algo aconteça, o processo que antes era inovador se torna um hábito, assim a criação ou reestruturação inovadora passa a se tornar um processo institucionalizado. Desse modo, algo novo deixa de ser empreendedor quando se institucionaliza dentro de uma organização, quando seus riscos são conhecidos.

Entretanto, para que ocorra a desinstitucionalização de uma ação é necessário que ela perca sua legitimidade, ou seja, deixe de haver um consenso quanto sua utilização e permanência na organização, seja em razão de pressões externas ou internas, que ocasionem tensões e conflitos que possibilitem a abertura para uma mudança organizacional (Machado-da-Silva *et al.*, 2005; Tolbert & Zucker, 2007). Desse modo, quando a mudança organizacional resulta em algo criativo e inovador poderá ocorrer uma ação empreendedora, porém passado o momento em que está ação seja inovadora, ela poderá se tornar um padrão desejável na organização, um hábito objetificado e sedimentado que irá se institucionalizar tornando-se uma ação administrativa, aquela que é realizada por consensualidade, motivada pela produtividade e racionalidade (Moreira, 2003).

Dessa forma, a ação empreendedora ocorre como um ciclo, iniciando-se no processo de desinstitucionalização, em que há uma tentativa de resolução das tensões da lógica institucional. Porém, cabe ressaltar que ela não irá emergir da simples resolução da tensão mas, pela articulação efetiva que resulta em intercâmbios criativos, inovadores e aventureiros que são guiados pelas orientações de vida dos indivíduos, criando uma mudança dentro da organização.

Quando a ação se sedimenta tornando-se institucionalizada, acontecerá a transformação da ação empreendedora em uma ação administrativa, que poderá em um momento posterior desinstitucionalizar-se, gerando um novo atrito e estimulando o processo empreendedor novamente, conforme se vê na Figura 2:



**Figura 2: Ciclo da ação empreendedora**

Fonte: Elaborada pelo autores

A Figura 2 apresenta a possibilidade de compreensão do processo empreendedor a partir do ciclo da ação empreendedora. O esquema foi inspirado em Spedale e Watson (2014) que propõem um modelo de emergência da ação empreendedora, contudo acrescenta várias nuances que permitem algumas considerações: o processo empreendedor inicia-se a partir da tentativa de resolução de tensões na lógica institucional em que os indivíduos empregam suas orientações de vida que culmina em intercâmbios criativos, inovadores e aventureiros; esse processo termina quando o caminho que era até então arriscado e incerto torna-se conhecido e habitual; assim, algo novo deixará de ser empreendedor quando se institucionalizar. Porém, ainda é preciso tentar responder como é possível dizer se algo é empreendedor ou não?

Com base como que fora até aqui explanado, têm-se que a ação empreendedora poderá ser totalmente inovadora em um local e em outros já ter sido institucionalizada. Desse modo, a ação será categorizada como empreendedora ou não, em cada organização dependendo da inovação e da criatividade utilizada para seu alcance. A ação empreendedora não é um processo mecânico, há uma intencionalidade quanto a sua execução, porém marcada pela incerteza quanto aos seus fins (Berglund, 2005; Mocelin & Azambuja, 2017).

Desse modo, a ação empreendedora pode ser considerada um tipo de atividade humana particular, que está muito mais relacionado com uma atividade cotidiana do que com feitos heroicos (Watson, 2013). Nesse sentido, por meio da ação empreendedora é possível enxergar o ciclo de um processo empreendedor, que investiga a interação das dimensões: indivíduo, organização e sociedade, a fim de compreender o mundo real, sem personagens míticos e indivíduos especiais (Mello & Cordeiro, 2010.; Watson, 2013; Rodrigues, 2017), ou seja, amplia-se o campo de visão para simplificar o fenômeno.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Como demonstrado ao longo desse ensaio o empreendedorismo é uma prática verificada em diversos ambientes, que pode ser analisado a partir de diversas abordagens. Assim, pode ser considerado um fenômeno dinâmico e multidimensional, oriundo do sistema capitalista que através de um processo criativo provoca mudanças inovadoras ou adaptativas a fim de gerar melhorias na realidade local.

Percebe-se nos estudos sobre o empreendedorismo, tais como os de Gartner (1985), Berglund (2005), Costa *et al.* (2011), Gomes *et al.* (2013), Watson (2013) Spedale e Watson (2014), Mocelin e Azambuja (2017) a tentativa de deslocamento do foco no sujeito empreendedor para a compreensão do resultado obtido, da ação em si, reconhecendo as contribuições de outros indivíduos e a influência que o contexto impõe sobre o resultado final.

A ação empreendedora resulta da interação de três variáveis: indivíduo, organização e sociedade, nos indivíduos deve-se identificar suas orientações de vida, sua identidade e como elas foram utilizadas para gerar a ação; na organização analisa-se as lógicas institucionais, como elas se formaram e as tensões causadas pelo atrito entre lógicas diversas; já na sociedade compreende-se como atores oriundos de outros contextos (organizações, instituições, indivíduos, tecnologias) operaram causando a tensão e ao mesmo tempo contribuindo para a solução de problemas que resultam em intercâmbios criativos, inovadores e aventureiros. Assim, identifica-se a participação de diversos atores na ação empreendedora, bem como a importância da cultura, das lógicas institucionais.

A partir desse estudo emerge a possibilidade de análise do ciclo da ação empreendedora, que não se limita a um contexto específico: econômico, social, político. O esquema desenvolvido possibilita a compreensão da ação empreendedora em diversos ambientes e, logo, o reconhecimento de sua existência em qualquer contexto que foi modificado pela inovação,

aventura e criatividade. Além disso, o estudo levanta hipóteses acerca de inquietações sobre o empreendedorismo que levam a concluir que o processo empreendedor se finda ao se institucionalizar, que uma ação é considerada empreendedora quando o processo de sua execução é marcado pela incerteza quanto aos seus fins mas, mesmo assim atores empreendedores decidem por efetivá-la.

Reconhecer o empreendedorismo como um tipo particular de atividade humana é retirar uma cortina enigmática que por vezes se traduz em teorias inconclusivas, feitos gloriosos, magnatas e figurões. O que se propõe com este ensaio é uma tentativa de simplificar o fenômeno e proceder com explicações efetivas. Assim, estudar a ação empreendedora possibilita o aprimoramento de pesquisas que busquem um novo olhar sobre empreendedorismo, especialmente no Brasil, haja vista a necessidade de expansão de estudos teóricos sobre essa temática.

Este ensaio limita-se por não demonstrar empiricamente como ocorre o ciclo da ação empreendedora, bem como o processo de interação das variáveis que culmina num empreendimento. Assim, como sugestão para outras pesquisas seria interessante a aplicação deste esquema para compreender o fenômeno da ação empreendedora. Contudo, este ensaio contribui de maneira significativa para a evolução do campo do empreendedorismo para as ciências sociais, ao evidenciar a possibilidade de compreendê-lo a partir da ação empreendedora, bem como contribuir para a ampliação do debate acerca do mesmo no Brasil.

## **REFERÊNCIAS**

- Berglund, H. (2005). *Toward a theory of entrepreneurial action exploring risk, opportunity and self in technology entrepreneurship*. Tese de doutorado, University of Virginia, Charlottesville, Virginia, USA.
- Borges, A. F.; Lima, J. B. de.; Brito, M. J. de. (2017). Fundamentos da pesquisa em empreendedorismo: aspectos conceituais, teóricos, ontológicos e epistemológicos. *Anais do Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração*, 2017, São Paulo, SP, Brasil, 26.
- Bortoluci, J. H. (2014, abril). Razão, prática, performatividade e criatividade situada: tensão e complementariedade entre três paradigmas da ação. *Revista de Ciências Sociais - Política & Trabalho*, 40, 63-85.

- Costa, A. M. da., Barros, D. F., & Carvalho, J. L. F. (2011, março/abril). A dimensão história acerca do empreendedor e do empreendedorismo. *RAC*, 15(2), 179-197.
- Costa, A. M. da., Barros, D. F., & Martins, P. E. M. (2008, setembro/outubro). Linguagem, relações de poder e o mundo do trabalho: a construção discursiva do conceito de empreendedorismo. *RAP*, 42(5), 995-1018.
- Cramer, L. (2002). *Representações sociais sobre a ação empreendedora*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Lavras, Lavras, MG, Brasil.
- Gartner, W. B. (1985). A conceptual framework for describing the phenomenon of new venture creation. *Academy of Management Review*, 10(4), 696-706.
- Gomes, A. F., Lima, J. B., & Capelle, M. C. A. (2013, abril, junho). Do empreendedorismo a noção de ações empreendedoras: reflexões teóricas. *Revista Alcance*, 20(2), 203-220.
- Machado, B. F. V. (2016). A memória cognitivo-discursiva: entre discurso, psicanálise e cognição. *Relin*, 24(1).
- Machado, H. P. V., Nassif, V. M. J. (2014, novembro/dezembro). Empreendedores: reflexões sobre concepções históricas e contemporâneas. *RAC*, 18(6), 892-899.
- Machado-da-Silva, C. L., Fonseca, V. S. da., & Crubellate, J. M. (2005, janeiro/junho). Estrutura, agência e interpretação: elementos para uma abordagem recursiva do processo de institucionalização. *Brazilian Administration Review*, 2(1).
- Mello, S. C. B. de., Cordeiro, A. T. (2010, abril/junho). Investigando novas articulações e possibilidades no discurso empreendedor: contexto, sujeito, ação. *Organizações & Sociedade*, 17(53), p. 279-295.
- Mello, S. C. B. de., Leão, A. L. M. de S., Cordeiro, A. T. (2007, abril/junho). O sujeito como centro da ação empreendedora: concepção e verificação empírica de um arcabouço conceitual-analítico. *Organizações & Sociedade*, 14(41).
- Mocelin, D. G., & Azambuja, L. R. (2017, setembro/dezembro). Empreendedorismo intensivo em conhecimento: elementos para uma agenda de pesquisas sobre a ação empreendedora. *Sociologias*, (19), 30-75.
- Moreira, D. de F. Neto. (2003, janeiro/março). Novos institutos consensuais da ação administrativa. *Revista de Direito Administrativo*, 231, 129-156.
- Nakashima, N. (2002). *Gestão do empreendedorismo como fonte de vantagem competitiva*. Dissertação de mestrado, Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, SP, Brasil.

- Potts, J. D., Hartley, J., Banks, J., Burgess, J., Cobcroft, R., Cunningham, S., Montgomery, L. (2008). Consumer co-creation and situated creativity. *Industry and Innovation*. *Industries and Innovation*, 15(5), 459-474.
- Rodrigues, D. G. (2017). *Aprendendo a ser autor da ação empreendedora: narrativas compartilhadas e situadas no alto sertão paraibano*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB, Brasil.
- Saravasthy, S. D. (2001). Causation and effectuation: toward a theoretical shift from economic inevitability to entrepreneurial contingency. *Academy of Management Review*, v. 26(2), 243-263.
- Spedale, S., & Watson, T. J. (2014). The emergence of entrepreneurial action: at the crossroads between institutional logics and individual life-orientation. *International Small Business Journal*, 32(7), 759-776.
- Tolbert, P. S., & Zucker, L. G. (2007). A institucionalização da teoria institucional. In: Clegg, S. T., Hardy, C., & Nord, W. R. (Orgs.). Caldas, M., Fachim, R., & Fisher, T. (Orgs. ed. bras.) *Handbook de estudos organizacionais*. São Paulo: Atlas.
- Tonelli, D. F., Brito, de. M. J., & Zambalde, A. L. (2011, julho). Empreendedorismo na ótica da teoria ator-rede: explorando alternativa às perspectivas subjetivista e objetivista [Versão eletrônica], *Cadernos EBAPE. BR*, 9, 586-603.
- Vale, G. M. V. (2014a). Empreendedor: origens, concepções teóricas, dispersão e integração. *RAC*, 18(6), 874-891.
- Vale, G. M. V. (2014b). Afinal de contas, que bicho é esse? Tréplica sobre o empreendedor e o empreendedorismo. *RAC*, 18(6), 900-908.
- Watson, T. J. (2013). Entrepreneurship in action: bringing together the individual, organizational, and institutional dimensions of entrepreneurial action. *Entrepreneurship & Development*, 25, 404-422.